Os desafios da militância negra em defesa das mulheres e pela superação da violência de gênero.

Por Gabriela Watson

A bela ou a fera: o que você vê no espelho?

Olhar no espelho e se identificar mais com a Bela do que com uma fera é um desafio para as mulheres negras no Brasil. Principalmente, quando no espelho da sociedade brasileira, a televisão, elas só aparecem na época do carnaval, o que infelizmente, também não é motivo de comemoração. São inúmeros os artigos que comprovam a ausência de negras e da valorização de elementos da cultura afro-brasileira. Entretanto, esse texto se deterá na seguinte discussão: como a **violência psicológica** afeta o imaginário da mulher negra.

Quando falamos em mulheres negras, tratamos de duas marcas sociais, o de ser mulher numa sociedade em que os homens têm mais aceitação, e o de ser negra, numa sociedade que dificulta o acesso dos negros aos espaços de poder e decisão.

O ato da mulher se autonomear como negra já constitui um desafio, o primeiro obstáculo é o de se reconhecer negra, contrariando aqueles que preferem o termo "moreninha", em seguida, entender que está fora do padrão de beleza imposto pelos **meios de comunicação** e, se, por último, apesar de perceber uma certa desconfiança quanto à sua capacidade de trabalho, essa mulher se reconhecer como negra, ela realmente é uma guerreira.

Quando o assunto é violência para com as mulheres negras devemos levar em conta a seguinte nota feita pela escritora Alzira Rufino:

> Se a violência contra a mulher é uma epidemia que desconhece classes sociais, existem segmentos que são mais vulneráveis porque já têm uma outra história de violência, como é o das mulheres negras, sob fogo cruzado de várias formas de violência: a de gênero, privada, no lar; a da pobreza, que as escraviza as jornadas de trabalho intermináveis das quais não sobrará sequer a mínima aposentadoria; e o preconceito racial que ainda tenta nos confinar no espaço que vai do fogão ao tanque, domesticadas, no fundo de cena. [1]

Dado o exposto, é válido fazer um recorte racial da violência, porque as agressões passadas pelas mulheres negras têm sua origem no passado histórico de exploração a partir da **escravidão**.

Apesar de podermos abordar a violência contra negras em todos os campos de ações possíveis (saúde, trabalho e social), talvez aquela que cause dor mais profunda é a **violência psicológica**. Em outras palavras, essa violência é a falta de auto-estima, de orgulho, que afeta diretamente na sua força de vontade, qualidade e perspectiva de vida.

Por violência moral, me refiro aquela violência que se perpetua de forma inconsciente através de valores passados principalmente pela comunicação, que abrange desde a oralidade (expressões populares como "cabelo ruim"), interação social (conversas, gestos) e até a forma de **comunicação de massa** (no Brasil, a televisão).

A importância da mídia na formação e informação das pessoas é indiscutível, nas palavras do jornalista Dennis de Oliveira, “vivemos numa sociedade marcada pela **midiatização** que significa a penetração da do modo de pensar dos meios de comunicação em todos os ambientes das relações sociais”[2]. E, infelizmente encontramos muitos vestígios de pensamentos racistas em toda a comunicação (livros escolares, revistas, TV e cinema). A maioria dos papéis “dados” aos negros ainda é reduzida a lugares comuns e/ou personagens que demonstram a falta de harmonia e orgulho entre membros da comunidade negra (apenas alguns exemplos: títulos como “Da cor do pecado”, a escrava Isaura ser branca, ausência de casais negros e de famílias de negros estruturadas, etc.).

O ponto da discussão é o resultado dessa contínua ação negativa de publicidade e propaganda na formação do **imaginário** da mulher negra. Muitos dirão que isso não afeta em nada, pois é apenas uma novela ou frase, no entanto, essa forma de representação elabora uma ***construção social*** tanto do que é ser negro quanto da mulher negra. E aí que entra o conceito de formação da ***identidade***. Segundo Elisa Nascimento “A identidade pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduo e sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente (...). A pessoa realiza esse processo por meio de sua própria existência de vida e das representações da experiência coletiva de sua comunidade e sociedade”[3].

Portanto uma frase, uma novela, uma piada, não são pura e simplesmente o que parecem, mas influenciam diretamente na construção de identidade que a mulher negra cria sobre si mesma, sobre seu papel e lugar na sociedade. É fato, a mulher negra, via de regra, não se crê bonita nem valorizada, pois não tem referência para isso. A imagem que se tem da mulher negra é daquela que foi violada, da serviçal (Tia Anastácia), ou da lasciva, quando na verdade a mulher negra, sobretudo, é sinônimo de resistência, de perseverança e por que não, de esperança? Outros dirão que são exageros, mas essa influência Que produz efeitos contrários aos desejados é possível e plausível, a idéia que temos de nós mesmos condiciona nossos sonhos e metas. As mulheres negras vêem de tantas maneiras, e sempre de forma interna, representações negativas que acabam por introjetar a idéia e passam a acreditar que é a realidade.

O que vemos são mulheres com baixa auto-estima, que buscam parecer com o ideal de beleza propagado pela mídia, e cujas perspectivas não almejam um melhor lugar na sociedade, mais respeito e principalmente mais cidadania. A questão não se resume a se achar bonita, mas também, não se julgar capazes e nem merecedoras dos direitos aos quais todos deveríamos ter acesso.

A travessia de ser uma mulher **de aparência** negra, para ser uma mulher negra cidadã é tão longa e seu início é marcado pelo resgate e apropriação da sua cultura, que também não é ensinada na escola. Dizer: sou mulher negra, não é fácil. Ao dizer isso, também assumimos nosso passado doloroso, mas também a ancestralidade e sabedoria africanas e nossa história de superação. Mas esse percurso é tão longo quanto o caminho até a costa do Marfim, do outro lado do Atlântico.

“Resgate”

Sou negra ponto final

devolvo-me a identidade

rasgo a minha certidão \

sou negra

sem reticências

sem vírgulas sem ausências

sou negra balacobaco

sou negra noite cansaço

sou negra

ponto final

Alzira Rufino, 1986

Palavras-chave/ pontos que podem ser discutidos a partir do texto: mulher negra, violência psicológica, comunicação de massa, midiatização, imaginário, construção social, identidade e fenótipo.